

Agentes de pastoral carcerária como discípulos (as) de Jesus Cristo

1. Orientação bíblica.

Para que uma pessoa seja agente de pastoral deve por primeiro receber o chamado de Deus: um chamado que acontece a partir de pessoas e ou acontecimentos.

Depois de chamada é motivada pelo Espírito e pela palavra de Deus para trabalhar em favor das pessoas mais pobres e excluídas.

Assim, podemos perceber que o Agente de pastoral não é simplesmente um possuidor de conhecimentos, mas aquela pessoa que assume um compromisso de vida. Trata-se de alguém que é uma verdadeira testemunha da presença de Deus na vida das pessoas. Pessoas que primeiro acolhem a Palavra e procura vivê-la, mostrando assim, que Deus caminha ali junto com os anseios e as alegrias do povo. Pois, quando alguém é chamado e vai à missão até à pessoa privada da sua liberdade, é Deus mesmo quem está ali visitando (Jr 1, 4-10).

A bíblia está cheia de exemplos de pessoas que entregaram suas vidas a Deus e nele confiaram. Vamos lembrar três figuras:

- O nosso pai Abraão é um grande exemplo de pessoa temente à Deus: procurou sempre confiar em Deus (Gn 15, 6; 17,4-10; 22,15-18); interceder a Deus pelos outros (Gn 18, 20-33), mesmo que este outro fosse o seu inimigo (Gn 20,7).
- Moisés é outro grande exemplo de fé: depois de uma profunda experiência de oração recebe o chamado de Deus (Ex 3), procura ser o consolo dos seus “irmãos escravizados” (Ex 4, 18-23) e, assim, ser o mediador da Salvação do povo (Dt 34, 10-12); e não se satisfaz em simplesmente libertar o povo, segundo a sua missão, mas se propõe a caminhar com o povo (Ex 15, 1-21) e instruí-lo a viver de um modo novo: numa verdadeira relação de pertença a Deus; uma Aliança (Ex 19, 3-8).

Como Abraão e Moises nós todos também somos chamados a partir do nosso batismo a desempenharmos uma missão: ajudar a quem precisa (Mt 25,36), sem usarmos de nenhum preconceito, social, econômico ou religioso.

O que é fundamental é ir ao encontro dos mais necessitados, sobretudo, os que estão privados de sua liberdade. Em cada pessoa presa vamos encontrar o próprio Jesus presente neles (as).

Para cumprir esta missão devemos estar muito unidos a Jesus. Não se trata de curiosidade, mas de um forte compromisso missionário.

Por isso é necessário que haja um encontro profundo e pessoal com Jesus Cristo, a fim de entrarmos no Mistério Pascal onde aprendemos de fato a viver o verdadeiro Amor. Este Amor é sacrifício e caridade, no seu sentido mais profundo. Ser discípulo é uma opção radical de viver o Amor pelo outro, assim como Ele nos ensinou: devemos amar uns aos outros seguindo o seu exemplo.

- Temos também o grande exemplo de Maria: aquela que primeiro procurou vivenciar esta máxima do amor, dando grande exemplo de fidelidade a Deus, em todos os momentos da vida de Jesus, inclusive nas perseguições e na prisão, até a Sua morte e ressurreição. Por isso, Maria, é um grande exemplo para nós.

Como nossa mãe, ela nos ensina a sermos “filhos no Filho” e, assim, tomarmos parte no mistério de Deus onde reina o Amor, que precisa chegar a todos os cárceres. Este é o nosso papel de discípulos-missionários da Pastoral Carcerária: levar o mesmo amor que Maria nos ensina até os confins de cada prisão.

2. Como deve ser quem faz pastoral no cárcere

Quando Deus nos chama, Ele mesmo nos guia (Gn 24,27; Ex 13,21; 15).

Não adianta quereremos fazer tudo o que vem pela nossa cabeça. Sem esta Luz que nos ilumina não seremos verdadeiros discípulos-missionários. Ainda mais no sistema carcerário, onde há muitos desafios para a evangelização.

Sendo assim, somos chamados a ouvir com atenção a Palavra de Deus que é fonte de instrução e “lâmpada para os nossos pés” (Sl 119). Para bem realizarmos o serviço do Reino de Deus no cárcere, somos enviados por Jesus ressuscitado. Então, Ele os saúda dizendo: *A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: “Recebei o Espírito Santo.”* (Jo 20,21-22).

Assim, o Espírito é dado somente àqueles que estão em comunhão e participam da comunidade. É o que alimenta verdadeiramente a nossa fé.

Portanto, como discípulos-missionários no cárcere precisamos estar plenamente ligados a Igreja, a nossa comunidade de fé. Para que também nós professemos a mesma fé da Igreja e, assim, comungarmos do mesmo Pão e sermos envolvidos pelo mesmo Espírito.

É dessa forma que, também, adquirimos uma boa espiritualidade. Aliás, sem espiritualidade corremos o risco de anunciarmos algo inosso ou ideias que não são as do Evangelho e, portanto, não é Boa Nova.

A espiritualidade só existe quando nos deixamos envolver pelo mistério da Trindade, onde no Pai nos tornamos filhos no Filho e com o Filho somos enviados em missão iluminados pelo espírito santo, a serviço da pessoa encarcerada. Assim, há uma espiritualidade de comunhão: nós na Trindade e a Trindade em nós. Pois, a fonte de uma verdadeira espiritualidade é a Trindade.

Não se pode pensar que basta ter o Espírito. Espiritualidade não é ficar olhando para cima (At 1,10-11). Não significa termos a cabeça cheia de ideias bonitas, discursos sobre Deus. Não significa falar de Deus, sobre Deus e até falar com Deus, mas deixar Deus falar em nós em todas as circunstâncias e ambientes: onde as pessoas vivem, trabalham, amam, riem e choram.

A espiritualidade do **Agente** se fundamenta, antes de tudo, sobre a certeza de que Deus é seu grande parceiro de caminhada: “O Senhor seu Deus caminha à frente de vocês e combaterá em favor de vocês...” (Dt 1,30-33; Mt 28,20). Por isso nada o aterroriza e o amedronta (Dt 1,29). Diz Paulo aos Romanos: “Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. E vocês não receberam um Espírito de escravos para recair no medo, mas receberam um Espírito de filhos...” (Rm 8,14-16). A atitude de quem caminha com Deus não pode ser o medo.

Quem trabalha na pastoral carcerária vive a experiência do encontro com um Deus libertador, justo, o Deus da vida, amigo da liberdade de seus filhos: “Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo...” (Ex 3,7-8). Um Deus que,

em Jesus de Nazaré, identifica-se com os doentes, famintos, forasteiros, nus e presos (Mt 25,31-46).

Jesus vivia a sua espiritualidade através do amor e da solidariedade **com os pequenos, prostitutas, pecadores públicos, etc.** Para cultivar essa espiritualidade, Jesus viveu uma profunda intimidade com Deus, a quem tratava com muito carinho. Lucas em seu evangelho mostra Jesus como um homem de oração, que passava noites inteiras no Monte falando com Pai (Lc 6,12; 9,18).

Trabalhar na pastoral carcerária significa ser discípulo-missionário que ouviu o chamado de Jesus: “Siga-me”. Com alegria e prontidão resolveu seguir Jesus mais de perto, fazendo dele o seu Mestre e Senhor. Adotando as atitudes do Mestre, faz do Evangelho seu programa de vida, de modo que pode dizer como São Paulo: “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho” (1 Cor 9,16).¹

Além do mais, o perfil do **Agente**, enquanto animador para a Iniciação da Vida Cristã, é de uma pessoa que está em comunhão com a Pastoral Carcerária em nível local, participando das reuniões de formação e de atualização. Uma pessoa que saiba trabalhar em equipe, em parceria e esteja dentro das pastorais organizadas de sua comunidade eclesial.

Uma pessoa que saiba enfrentar os desafios, barreiras que prejudicam ou até negam o direito do trabalho de animação para a vida cristã no cárcere, mas, com diálogo, com firmeza, determinação e com muita iniciativa sabe superar os obstáculos. Pois, vai ter de se adaptar as condições precárias e as instabilidades vividas no cárcere de um modo geral.

Existe uma grande mobilização, neste ambiente que, aparentemente por ter regras, resoluções e leis definidas, tudo deveria estar dentro do planejado, definido; no entanto, não corre normalmente assim, ao contrário, o cárcere é um corpo em movimento acelerado. Ali, pessoas necessitam ir ao Fórum, Hospital; ser atendida pelo advogado recebem visita da família, das entidades religiosas e organizações de Direitos Humanos, das corregedorias de órgãos do judiciário Estadual, Federal e Internacional. Por isso é necessário que tenhamos o devido discernimento para atuarmos como verdadeiros **Agentes** da Pastoral Carcerária, cumprindo o nosso papel.

3. O Agente da Pastoral Carcerária como animador para a Iniciação da Vida Cristã

O conhecimento das pessoas presas, dos funcionários e do espaço físico com seus limites e regras, dá ao **Agente** da Pastoral Carcerária a tranquilidade e possibilita a um maior poder de interagir.

Além de não necessitar passar pelo processo de superação dos medos e do imaginário, que atinge todas as pessoas que iniciam um trabalho neste ambiente, ele organiza, junto aos presos e a direção da casa, as atividades com muito mais facilidade.

O **Agente** de pastoral carcerária deve ser uma pessoa que não desanima diante das dificuldades, mas com espírito comunitário e fraterno, busca entendimento e parcerias para superação das limitações impostas.

Nos Discípulos de Emaús, um deles tem nome: Cléofas; do outro não consta o nome, é um anônimo (Lc 24,17-18). Não é por acaso. Em nossas prisões, os sem nome são a maioria. São anônimos, ignorados em sua dignidade de pessoa e em seus direitos.

O **Agente** de Pastoral Carcerária necessita ter, em seu perfil, as características básicas de um animador para a Iniciação da Vida Cristã.

O perfil do catequista é um ideal a ser conquistado, olhando para Jesus, modelo de Mestre, de servidor e de catequista. Sendo fiel a esse modelo, é importante desenvolver as diversas dimensões: ser, saber, saber fazer em comunidade (cf. DGC 238SS)²

O ser do catequista, seu rosto humano e cristão (DNC 261)

- *Pessoa que ama vive e se sente realizada.*

É uma entusiasta da vida, sobretudo da vida nova *em Cristo, com Cristo e por Cristo...* Onde procura assumir a sua vocação batismal na comunidade cristã e no cárcere, tornando esta última também uma comunidade cristã.

- *Pessoa de maturidade humana e de equilíbrio psicológico.*

Com base numa inicial maturidade humana, o exercício da catequese, constantemente reconsiderado e avaliado, possibilita o crescimento do catequista no equilíbrio afetivo, no senso crítico, na unidade interior, na capacidade de relações e de diálogo, no espírito construtivo e no trabalho de grupo” (DNC 263 *apud* DGC 239).

Deste modo, possibilita que a pessoa presa, torne-se um catequizando e adquira as mesmas virtudes para o devido progresso humano e da fé cristã.

- *Pessoa de espiritualidade, que quer crescer em santidade.*

“Nutre-se da Palavra, da vida de oração, da Eucaristia e da devoção mariana. Falará mais pelo exemplo do que pelas palavras que profere (cf. CR 146). A verdadeira formação alimenta a espiritualidade do próprio catequista, de maneira que sua ação nasça do testemunho de sua própria vida.” (DNC 264)

- *Pessoa que sabe ler a presença de Deus nas atividades humanas.*

“Descobre o rosto de Deus nas pessoas, nos pobres,”³ na pessoa privada de sua liberdade, “na comunidade, no gesto de justiça e partilha e nas realidades do mundo.”⁴

- *Pessoa integrada no seu tempo e identificada com sua gente.*

“É aberta aos problemas reais e com sensibilidade cultural, social e política. Cada catequista assumirá melhor sua missão à medida que conhecer e for sensível à defesa da vida e às lutas do povo.”⁵ Sobretudo, a realidade carcerária, seu campo de evangelização. É preciso que o **Agente** da Pastoral Carcerária, olhe as pessoas privadas da sua liberdade, da mesma forma com que Jesus “contemplava” as pessoas de seu tempo.

- *Pessoa que busca, constantemente, cultivar sua formação.*

Assumir a missão catequética no sistema carcerário é estar aberta as ciências tecnológicas, jurídicas pedagógicas, psíquicas, enfim, é estar ciente da necessidade de sua auto formação para que seu testemunho seja digno de confiança.⁶

- *Pessoa de comunicação, capaz de construir comunhão.*

A sua atitude é sempre amiga, procurando sempre chegar ao coração da pessoa privada de sua liberdade. De modo, que ela sinta a própria presença de Cristo, luz para

² DNC 261.

³ DNC 265.

⁴ Idem.

⁵ Idem 266.

⁶ Idem 267.

o mundo, nestes ambientes tão escuros pelas injustiças, pela incompreensão, pelo desamor, pela tristeza etc.

4. A pessoa presa como animadora para a Iniciação da Vida Cristã

A pessoa presa como animador para a Iniciação da Vida Cristã, já é uma prática em alguns locais do sistema prisional. Assessorado pelo agente da Pastoral Carcerária, para lhe dar todo o suporte necessário em termos de subsídios, de formação e de espaço junto a administração da unidade e aos seus colegas de cárcere para o trabalho. Ele é chamado a vivenciar o discipulado e a missão no próprio ambiente em que se encontra privado da sua liberdade. Em algumas unidades, onde isto acontece, eles se tornam os grandes interlocutores, conhecem a realidade, a linguagem do cárcere, os seus problemas e as pessoas que devem procurar para solução dos conflitos.

Agora, a pessoa presa para se tornar animadora para a Iniciação da Vida Cristã, não basta somente ela querer. A direção da unidade deve permitir que ela realize este trabalho, portanto, ao convidar uma pessoa presa para ajudar na Iniciação a Vida Cristã, o **Agente** da Pastoral Carcerária, responsável pela formação, deve conversar com a direção da unidade prisional. Outro ponto, é que esta pessoa que está presa necessita ter um bom relacionamento com a população carcerária, no raio, na cela ou nos dormitórios coletivos.

Além de dar suporte e subsídios ainda é necessário participar, com ele (a), em alguns encontros dentro do cárcere. Avaliar com ele (a) e com as outras pessoas presas o trabalho desenvolvido, para que quem esteja de fora aprenda e contribua na formação das pessoas que estão no processo de Iniciação para a Vida Cristã e, assim, haja uma boa formação partilhada com todos os articuladores envolvidos. E, por assim dizer, estaremos cumprindo a nossa missão, enquanto discípulos-missionários, de evangelizar formando discípulos-missionários para o serviço aos mais pobres e desfavorecidos e a plena realização do Reino de Deus.⁷

Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas! (Rm 10, 13-15).

5. O universo da pessoa presa

5.1. Espaço físico

⁷ DAp 19.

i ⁱ **10.13** Jl 2.32. Na versão grega (LXX) da referida passagem, o nome de Deus se traduz como *Senhor*, nome que aqui se aplica a Cristo.

j ^j **10.15** Is 52.7; Na 1.15.

O comum, em grande parte das unidades que visitamos, é que os encontros aconteçam na própria cela ou nos corredores apertados com gente andando de um lado para o outro e, com portas batendo o tempo todo. O ambiente superlotado, pouco ventilado, sem lugar para sentar deve ser o mais procurado pelos Agentes, pois ali, encontram-se os mais necessitados do nosso contato.

Por isso, também, precisamos preparar o ambiente de tal forma que chame a atenção das pessoas presas, atinja os seus sentidos de tal forma que possam sentir verdadeiramente a presença de Cristo naquele momento. Porém, não de forma simplesmente emotiva, mas que sintam o verdadeiro amor de Deus sobre todos nós, especialmente sobre eles. Assim, devemos nos perguntar: como Jesus faria para acolher a cada uma dessas pessoas? Talvez este seja o norte para que possamos direcionar o nosso trabalho missionário no cárcere.

Além do mais, o espaço onde a pessoa presa se encontra, deveria servir como local para a sua reinserção na sociedade, no entanto, muitas vezes, é mais utilizado como local de simples confinamento, maus tratos, tortura, injustiças, com o emprego de celas escuras e chapões, por longos dias.

5.2. As dimensões humanas da pessoa presa

5.2.1. A questão emocional

A pessoa presa, além de estar em um local limitado pelas paredes, vive cercada de pessoas que encarnam o poder de impor-lhe maior número de limites. O confinamento dentro da cadeia impõe à pessoa limites muito além das paredes, das grades e dos muros, lhe é imposta uma morte *“civil, perdendo o detento uma série de direitos que lhe são garantidos pelas leis do país e ainda significa que perdeu o direito de ser considerado um membro confiável da sociedade organizada”* (Goffmann (1999, p. 16).

Ali se vive num local de terapia de choque permanente: humilhação, subordinação, controle, intimidação, pressão, limitações e, desconstrução da cidadania.

A humilhação inicia desde o momento da captura, quando a pessoa é presa pela polícia. Ao entrar numa unidade prisional, ela deve andar de cabeça baixa, olhando para o chão, com maus para trás, chamando os funcionários de *“Doutor”* ou *“Senhor”* e, ainda, passa por revistas constantemente, tendo que fincar nua em frente de funcionários e colegas a cada saída de cela, da unidade ou de retorno ou nas revistas das celas. O cabelo é cortado no tamanho e conforme estabelecido pela unidade prisional. Não tem mais direito a vestir-se com as suas roupas de gosto, quando liberado roupas pessoais, são impostas modelos e cor.

O pouco que se tem é confiscado. Ao ser preso todos os bens pessoais são retidos pela administração das prisões, tornando impossível guardar ou utilizar objetos. Os confiscos periódicos e constantes conferências dos bens, de propriedade individual da pessoa presa fortalecem a perda de sua identidade, num ambiente prisional. A perda mais significativa é a material e física, pois a perda do nome é substituída pela aquisição de apelidos, códigos ou números, constituindo uma das maiores mutilações que se pode impor ao apenado cativo e encarcerado em uma prisão.

A impossibilidade de ir a outros lugares, de buscar e buscar estar com quem se deseja; o isolamento, a separação, a distância do meio familiar e social; a perda de contato com experiências normais da vida, essas restrições inerentes à privação da liberdade é

fonte de muita dor. Além da falta de ar, celas pouco ou nada ventiladas, a falta de sol, de luz, a precariedade das condições sanitárias, a falta de higiene e, às vezes pela alimentação deteriorada. A deterioração física do ambiente prisional que é agravado pela superpopulação carcerária⁸.

Condenados a Ociosidade. O não cumprimento do Estado em oferecer trabalho aos presos, conforme determina a Lei de Execução Penal, pune a pessoa a ficar dentro de um espaço super limitado, cheio de outras pessoas, sem ter nada para fazer, estudar ou de preencher o tempo. Parado. Ficar ali, fechado aguardando o tempo de condenação passar.

A superlotação é um problema que não se pode evitar, e que aflige atualmente todas as unidades penais em nosso país. Considerado também como um vilão e uma das grandes privações, pois implica no reconhecimento de um número de presos muito superior ao número de vagas oferecidas nas celas, contribuindo assim para tornar degradante e desumano o convívio dentro das prisões. Sendo que na maioria das prisões brasileiras o espaço é exíguo, não dando nem para se mexer. As celas superlotadas abrigam vasos sanitários sem descargas, onde nem sempre existe água e, sobretudo, em condições adequadas.

Neste ambiente insalubre e superlotado, onde qualquer revista da Secretaria de Vigilância Sanitária condenaria. A saúde é altamente afetada: física, mental e espiritual. As prisões, em sua grande maioria no país, é local, foco e propagação de doenças.

Ali o acesso aos meios de comunicação é muito limitado. Quando é permitido ter uma TV na cela, os horários e a programação são estabelecidos pela administração da unidade prisional. Embora, o que podem assistir, na grande maioria dos presídios é definido coletivamente.

Obrigações do Estado para com a pessoa presa, como Educação, Trabalho, Material de higiene pessoal, Assistência Jurídica e Lazer não são cumpridas. Simplesmente há um confinamento de pessoas; há poucos lugares e/ou unidades que fogem a esta regra.

Infelizmente, o Estado não tem condições de manter condignamente os presos condenados. Faltam recursos humanos e materiais para garantir a tão falada reeducação e ressocialização do infrator.

No sistema prisional atual, o estado de subordinação à direção do estabelecimento penal, aos agentes penitenciários, funcionários técnicos (advogados, psicólogos, assistentes sociais, etc...), do judiciário: juízes e promotores aos regulamentos, às regras, aos horários, às ordens e contraordens, conferências e revistas é frequente e constante.

Uma repetição automática retira-lhes completamente a iniciativa e os desejos mais reservados, ficando com o próprio senso de autodeterminação alterado em seu comportamento, aguardando sempre decisões de terceiros. Esta situação provoca o enfraquecimento da personalidade. Consequentemente, cumprida a pena, retornam à vida livre da pena imposta, completamente confusos e até alienados. O efeito do encarceramento, leva à desorganização da personalidade humana, à deformação do caráter, à degradação do comportamento e ao abandono dos padrões de conduta da vida extramuros.

A sua religiosidade

⁸. {Livro: Desconstrução das práticas punitivas, autor: Virgílio de Mattos (organizador). Conselho regional de psicologia de Minas Gerais. pg. 19 }.

O Papa Bento XVI, no seu discurso em Assis⁹, diante dos expoentes de todas as religiões do mundo, e a um grupo de agnósticos, por ocasião de uma Nova Jornada Mundial de Oração e de Reflexão pela Paz, disse:

(A violência) não é a verdadeira natureza da religião... Mas o «não» a Deus produziu crueldade e uma violência sem medida, que foi possível só porque o homem deixara de reconhecer qualquer norma e juiz superior, mas tomava por norma somente a si mesmo. Os horrores dos campos de concentração mostram, com toda a clareza, as consequências da ausência de Deus.

A adoração do dinheiro, do ter e do poder, revela-se uma contra-religião, na qual já não importa o homem, mas só o lucro pessoal. O desejo de felicidade degenera num anseio desenfreado e desumano como se manifesta, por exemplo, no domínio da droga com as suas formas diversas. Aí estão os grandes que com ela fazem os seus negócios, e depois tantos que acabam seduzidos e arruinados por ela tanto no corpo como na alma. A violência torna-se uma coisa normal e, em algumas partes do mundo, ameaça destruir a nossa juventude. Uma vez que a violência se torna uma coisa normal, a paz fica destruída e, nesta falta de paz, o homem destrói-se a si mesmo.

Aqui se situa uma tarefa fundamental do diálogo inter-religioso, uma tarefa que deve ser novamente sublinhada por este encontro. Trata-se de nos sentirmos juntos neste caminhar para a verdade, de nos comprometermos decisivamente pela dignidade do homem e de assumirmos juntos à causa da paz contra toda a espécie de violência que destrói o direito. Concluindo, queria assegurar-vos de que a Igreja Católica não desistirá da luta contra a violência, do seu compromisso pela paz no mundo. Vivemos animados pelo desejo comum de ser «peregrinos da verdade, peregrinos da paz».

Nesse sentido, é importante ressaltar que o trabalho da Pastoral Carcerária e, por conseguinte, do Agente, é do compromisso com a pessoa presa, independente de sua crença ou religião, do diálogo e respeito do mesmo modo com os funcionários, assim como com os outros grupos religiosos que também frequentam o local prisional. Portanto, faz parte do carisma da Pastoral Carcerária o diálogo ecumênico e antirreligioso, assim como com indiferentes e ateus que estejam em prol da defesa da vida.

As diversas crenças que existem no mundo afora não poderiam ser diferentes dentro do mundo carcerário. Inclusive há uma realidade muito próxima. Por exemplo, segundo o *Novo Mapa das Religiões*, desenvolvido pelo Centro de Políticas Sociais da FGV, afirma que até 2003, conforme dados do IBGE, 73,9% dos brasileiros eram católicos, porém, dados recentes de 2009, revelam que são 68,43% dos brasileiros que são católicos.¹⁰

E isso não pode ser visto sem termos em conta que o sistema carcerário é apenas um retrato do país, que por suas dimensões continentais, contém uma diversidade enorme de religiões, sobretudo influenciadas desde sua origem por índios e negros. Assim, com as diversas seitas se compõe a esfera religiosa do mundo carcerário.

⁹ Discurso em ocasião pelo *Dia de reflexão, diálogo e oração pela paz e a justiça no mundo "peregrinos da verdade, peregrinos da paz"*, em Assis, *Basilica de Santa Maria dos Anjos*, 27 de Outubro de 2011.

Extraído de http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2011/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20111027_assisi_po.html. Acesso em 01/11/2011.

¹⁰ *Novo Mapa das Religiões* (coord. Marcelo Côrtes Neri). Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011; p.7.

Com toda esta diversidade, não é a toa que há uma forte mistura de práticas religiosas, sobretudo pela falta de segurança que o sistema oferece. Por isso, as pessoas tendem a buscar fortemente algo que os possa sustentar espiritualmente ou, até mesmo, ser uma espécie de passatempo. Apesar de que a pessoa presa, de um modo geral, é religiosa.

Por outro lado, o catolicismo é o mais aceito, inclusive, é a religião que as pessoas presas mais se apoiam, mesmo pertencendo a outra experiência religiosa. Isso se dá pelo reconhecimento que há sobre o trabalho da Pastoral Carcerária que, pelos seus projetos e apoios seja social, jurídico ou evangélico, vem sendo um diferencial para o sistema prisional. Porém, apesar de todo o trabalho evangélico dos Agentes, algo muito forte entre as pessoas presas são as devoções populares. Assim, é muito mais importante para elas o terço, a Bíblia, um santinho, um crucifixo, uma medalhinha, mas não o seu sentido em si, mas estes são tidos mais como espécie de amuletos protetores. Como se estes pudessem trazer-lhes toda a proteção e/ou força necessária para suportar as dores, faltas ou situações de injustiças existentes no sistema prisional brasileiro.

6. A missão do (a) catequista para a Iniciação da Vida Cristã

O (a) catequista, como já vimos antes¹¹, é pessoa escolhida; chamada por Deus para realizar uma missão. Sua missão é a de libertar a pessoa de todas as amarras. Nesse sentido, a libertação não é algo externo, mas ao contrário, internamente. Por isso, a libertação só ocorre de fato quando caminhamos com a pessoa a ser libertada, num verdadeiro aprofundamento do mistério de Deus em sua vida, tornando-a sujeita da sua própria liberdade, assim como faziam os primeiros cristãos com as pessoas que iam aderindo à fé em Cristo.

O catequista se torna uma espécie de guia que conduz a pessoa a Deus e ao seu Reino, com a consciência de ser apenas um instrumento e que sua missão, enquanto discípulo do Senhor é fazer discípulos. E, é assim que ele se torna um “mestre” por ser pessoa unida a Jesus Mestre, a fim de que todos vivam *por Cristo, com Cristo e em Cristo*.

A bíblia, na catequese, tem um lugar muito especial. Ela deve iluminar a vida de catequistas e catequizandos. É nesse sentido que, por exemplo, o salmista afirma: *Lâmpada para os meus pés é Tua Palavra e luz, para o meu caminho*. (Sl 119, 105).

Por isso, Moisés é incumbido de levar a Palavra a todo o povo, fazendo que este *ouça, aprenda e tema o Senhor* (Dt 31, 9-13). Portanto, Moisés não retém para si a Palavra, mas procura fazer discípulos que, mesmo com a sua morte, procura dar continuidade ao que recebeu. Assim, foi Josué, “auxiliar” de Moisés, ajudou-o quando o mestre estava vivo e após a sua morte, deu continuidade a sua missão, tomando ela para si. (Js 1,6-9)

Também Eliseu procurou dar continuidade àquilo que o seu mestre Elias tinha iniciado. (1Rs 19,19-21; 2Rs 2,9-15) Então, segue a sua missão profética aos passos do seu mestre, sendo extremamente fiel a instrução divina.

João Batista no NT, é apresentado como aquele que anuncia o Cordeiro e assim confirma: *...Depois de mim, vem um homem que passou adiante de mim, porque*

¹¹ Parágrafo 1, cap.1.

existia antes de mim. Eu não o conhecia, mas, para que ele fosse manifestado a Israel, vim batizar com água (1,30-31). Isto é, pelo Espírito, João Batista é incumbido de preparar o caminho do Senhor. Mas, o próprio Jesus também escolhe discípulos (Mt 4, 18-22), ensina-os a essência da Palavra (Mt 5), assim como a rezar profundamente (Mt 6,5-13; Lc 11,2-4)), a ser um verdadeiro discípulo (Mt 7,21-27), encoraja-os e os adverte dos riscos do discipulado (Mt 10,17-42) e os envia em missão (Lc 10,1-20).

Assim, ...basta que o discípulo se torne como o mestre... (Mt 10,25): ...viu (Jesus) uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas. (Mc 6,34) Por isso, os apóstolos, depois de terem recebido o Espírito, fazem discípulos (At 2,1-13) e insere-os na comunidade cristã, ensinando-os a viver o Evangelho (At 2,42-47).

Posteriormente, no final do século primeiro e início do segundo da era cristã, os cristãos sentiram a necessidade de continuar anunciando e formando novos discípulos, com a mesma intensidade que os apóstolos.

Esta é a pregação da verdade, esta é a mensagem de nossa salvação, este é o caminho da vida, que os profetas anunciaram e que Cristo estabeleceu.

É preciso conservar esta mensagem com todo zelo possível, com boa vontade e sendo agradável a Deus por boas obras e um modo são de pensar.¹²

Na Conferência de Aparecida é ampla a nossa missão : *Fizemos isso como pastores que querem seguir estimulando a ação evangelizadora da Igreja, chamada a fazer de todos os seus membros discípulos e missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida para que nossos povos tenham vida n'Ele.* (DAp 1)

E, logo em seguida, o mesmo documento salienta a missão do discípulo-missionário:

A resposta a seu chamado exige entrar na dinâmica do Bom samaritano (cf. Lc 10,29-37), que nos dá o imperativo de nos fazer próximos, especialmente com o que sofre, e gerar uma sociedade sem excluídos, seguindo a prática de Jesus que come com publicanos e pecadores (cf. Lc 5,29-32), que acolhe os pequenos e as crianças (cf. Mc 10,13-16), que cura os leprosos (cf. Mc 1,40-45), que perdoa e liberta a mulher pecadora (cf. Lc 7,36-49; Jo 8,1-11), que fala com a Samaritana (cf. Jo 4,1-26).¹³

Missão da Pastoral Carcerária, enquanto membro do Corpo de Cristo que é a Igreja tem como missão transmitir a mensagem gozosa aos desventurados; de anunciar aos cativos a liberdade e aos cegos a recuperação da vista; de pôr em liberdade os oprimidos e proclamar um ano de graça do Senhor (Lc 4,18-19).

Deus visitou o seu povo (Lc 1,68), acompanhou os discípulos de Emaús (Lc 24), em sua rota de desânimo e fuga, deu novo ardor, e convidou Filipe a ser evangelizador de rua: *Levanta-te e vai, por volta do meio-dia, pela estrada que desce de Jerusalém a Gaza. A estrada está deserta* (At 8,26). Jó, revendo sua vida, lembra que libertava o pobre sendo olhos para o cego e pés para o coxo. O que às vezes levava a quebrar o queixo do injusto e a arrancar a presa de seus dentes (Jó 29,12-17); em outras ocasiões, são proclamados *felizes os pés daqueles que semeiam a paz* (Is 52,7; Na 2,1; Rm 10,15).

Mas, sobretudo, a Pastoral Carcerária, através dos seus agentes de pastoral, que se comprometem a serem discípulos-missionários no cárcere, como também catequistas, **assim o fazem, pois, cada membro sente compaixão, igual o Mestre, afirmando em seu coração: Sentimos as dores, enfim, da situação desumana em que vive a grande**

¹² SESBOÜÉ, B. apud Irineu, CH, III, in: O Deus da salvação. (Tomo 1):2002, p.53.

¹³ DAp 135.

maioria dos presos, que também necessitam de nossa presença solidária e de nossa ajuda fraterna.¹⁴

Por fim, Jesus nos faz corresponsáveis pelo Reino, para constituímos a Sua família, a Sua Igreja e, dessa forma, também sermos os responsáveis pela Salvação, sendo: “Pescador de homens”, livrando as pessoas do domínio do pecado; “Diarista”, cuidando da colheita do Senhor e; “Pastor” de um rebanho desorientado e cansado para oferecer-lhe a sabedoria e a vida de Jesus Cristo (Mt 9,36).¹⁵ Sendo assim, a Pastoral Carcerária assume também para si, para a devida evangelização no cárcere, o que nos afirma o Diretório Nacional de Catequese:

A Palavra de Deus nos fala constantemente de órfãos, viúvas e estrangeiros (cf. Ex 22,22; Dt 24,17; Sl 82,3; Is 1,17; Tg 1,27). Através dessas figuras, ela nos lembra as pessoas enfraquecidas e indefesas. Por elas Deus tem um cuidado especial. A catequese irá ao encontro dos marginalizados (pessoas prostituídas, presos, soropositivos, toxicodependentes, sem-terra e outros) e dos mais pobres, consciente de que o bem que se faz aos irmãos mais pequeninos se faz a Jesus (cf. Mt 25,31-46). A catequese, à luz da Palavra de Deus, compromete-se de maneira preferencial pelos marginalizados e sofredores.

Cabe à catequese:

- Levar os catequizandos ao estudo e reflexão crítica sobre as causas e o processo de empobrecimento;
- Incentivar catequistas e catequizandos para a comunhão, a solidariedade, a justiça e a paz;
- Encorajar nos catequizandos adultos atitudes políticas favoráveis aos mais pobres;
- Incentivar o cooperativismo (associações);
- Estar com os pobres e mais necessitados, ajudando-os a crescer na fé e se sentirem parte da comunidade cristã;
- Comunicar a força animadora do amor de Deus a esses sofredores, inclusive através da própria ternura com que os valoriza e acolhe.¹⁶

7. Formar catequista e integrar na vida eclesial

A primeira missão do discípulo-missionário após o encontro e o anúncio com as pessoas é, através do seu testemunho pessoal, fazer também discípulos é levar a alegria que devem ter de serem discípulos-missionários no cárcere e que esta mesma alegria deve contagiar a todas as pessoas; o perfume do nosso batismo deve penetrar os porões da realidade carcerária que é tão injusta e fria, que torna milhares de homens e mulheres sem perspectiva alguma de vida digna.

Por isso, desejamos que a alegria que recebemos no encontro com Jesus Cristo, a quem reconhecemos como o Filho de Deus, humano e divino, chegue a todos os homens e mulheres feridos pela maldade humana; desejamos que a alegria da boa nova do Reino de Deus, anunciada por Jesus Cristo vencedor do pecado e da morte, chegue a todos quantos sofrem à beira do caminho, pedindo esmola e compaixão (cf. Lc 10,29-37; 18,25- 43). A alegria do discípulo é antídoto frente a um mundo

¹⁴ Idem 65.

¹⁵ RETAMALES, S.S. 2007, p. 135

¹⁶ DNC 209-210.

atemorizado pelo futuro e agoniado pela violência e pelo ódio. A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria. (DAp 32)

Assim, é inevitável que façamos com que a Boa Nova chegue a todos os corações dos que padecem no cárcere brasileiro. Nesse sentido, é oportuno que deixemos este ardor que sentimos também fazer parte de tantas e tantas pessoas privadas de sua liberdade, a também assumirem a sua missão de discípulos-missionários, evangelizando, também eles. Ou seja, assumindo o papel, que também lhes cabe, uma vez batizados, de tornar aqueles que lhe está próximo discípulos de Cristo.

Quantos santos e santas, na história da Igreja, não cumpriram o seu papel, ainda que no cárcere, ajudando os colegas a “verem” Jesus. A sentirem o mesmo amor que brota da Trindade e que é inesgotável, e que faz uso da nossa vida para resgatar outras tantas que padecem sem sentido ou sofrem as mais diversas injustiças e sofrimentos que a miséria humana muitas vezes proporciona.

Pelo batismo, todo cristão e toda cristã é chamado a evangelizar. Não seria diferente no cárcere. Aliás, o catequista quanto mais ambientalizado aquela realidade que se encontra, tanto mais conseguirá atingir o coração das pessoas, pois vive a mesma realidade, sabe das angústias e sofrimentos dela. Mas tem a esperança que lhe foi derramada abundantemente no batismo. Assim, a pessoa privada da sua liberdade também é chamada a ser catequista entre os seus pares. E por viver a mesma dimensão, saberá como melhor se aproximar daqueles com quem convive, podendo, inclusive, também ele, fazer novos discípulos-missionários.

Mas para que isso aconteça é necessária a devida preparação dos agentes da Pastoral Carcerária, para que preparem devidamente aqueles a que se propuseram a evangelizar os pares. E, isso, deve ser feito com bastante cautela, visto a realidade a que se apresenta naquele local, devendo o agente comunicar antecipadamente as autoridades responsáveis sobre esta empreitada, para que se evite qualquer problema de natureza múltipla. Também é oportuno que toda a comunidade carcerária saiba que aquele par tem uma missão especial ali com eles. Cabendo o respeito e o diálogo com as demais confissões ali presente e/ou outros grupos ou indivíduos que não tenham nenhuma confissão, mas que merecem o mesmo respeito que os demais.

Sendo assim, é importante não esquecermos que o objetivo de toda missão é de inserir o catecúmeno na Igreja de Cristo. O próprio Jesus, que conferiu uma nova dignidade a humanidade, através da Sua paixão, morte e ressurreição, fundou esta Igreja, pelo Espírito, para que possamos glorificar o Pai em Seu amor. Todos nós somos chamados a vivê-IO. Por isso, cabe a todos os batizados a inclusão das pessoas **no Corpo místico** de Cristo que é a Igreja. Pois, não podemos fazer parte da videira sem estarmos ligados ao tronco (...).

Uma vez inserido na Igreja, a pessoa privada da sua liberdade, sente-se valorizada. Percebe o verdadeiro amor de Deus, através da comunhão com os demais crentes daquela comunidade. Sente que não está só, mas há pessoas que se importam com ele e o querem bem. E que não é acolhida simplesmente de forma assistencialista, mas vê que agora é também sujeita da salvação e que como os demais irmãos e irmãs devem estar em permanente missão. (...)

A comunidade é a verdadeira imagem da Trindade. O Amor que move esta também deve estar impregnado no coração de cada membro da comunidade. Pois, a Trindade que não se basta em si e que transborda em nós o Seu amor, nos chama a beber desta mesma água (...), para formarmos uma verdadeira família humana. A pertencermos a família de Cristo, libertos em Seu amor.

8. Metodologia da catequese no cárcere

Olhar, ouvir, descer, libertar e subir. (Ex. 3,7-8)

8.1. Olhar

– a primeira coisa que Deus faz para libertar o Seu povo é olhar. Mas não é um simples olhar. Deus olha no profundo da miséria humana, olha o seu sofrimento, a sua angústia. Assim, sente compaixão, isto é, sente a mesma dor que o Seu povo está sentindo. Por isso, incomoda-Se com a situação a que o povo está passando.

Do mesmo modo deve ser o agente da Pastoral Carcerária. O olhar de com-paixão, porém, nunca de acomodação ou de pena, mas de compromisso com a situação de injustiça em que o sistema carcerário está instalado. Assim, este olhar deve perpassar desde a pessoa que está privada de sua liberdade, nossa prioridade, os seus familiares, que acabam por ficar na mesma situação que o seu ente preso, até o funcionário que também vive numa situação injustiças, especialmente trabalhista.

Muitas falas, no ambiente carcerário são ditas em expressões faciais, corporais ou em gestos. Aprenda a ler esta comunicação. A medida que o nosso olhar vai se aprofundando a nossa compreensão das pessoas vai se transformando, ampliando. O sentido do corpo humano mais exigido no trabalho da pastoral carcerária é o olhar. Ter visão de conjunto é a ferramenta importantíssima na criação de uma reflexão transformadora e criadora de fraternidade, mesmo no ambiente desumano que é o presídio.

O olhar de Deus ao mundo e às pessoas nos mostra a forma pela qual devemos olhar para nós mesmos. Olhar para as pessoas como sacramento, caminho e lugar de encontro, de comunicação, de revelação de Deus. Maria nos recorda (Lc 1,48): “Deus olhou para a humilhação de sua serva”. “Pôr os olhos” significa a ternura do Senhor pela pessoa e pelo povo. Deus olhou e se inclinou, abaixou-se até Maria. Os olhos de Deus, admiradores, complacentes, “fazem” Maria Mãe. Deus se compraz, encontra plena satisfação em Maria.

Os olhos de Deus são gratuitos e gratificantes, necessários para comover o homem, para desvelar-lhe ou revelar-lhe o Deus que é; ou, em outras palavras, para encarnar-se. Não há dúvidas que também o olhar de Maria “fez” de Jesus o homem que ele foi. Uma categoria pastoral muito interessante nos é dada pelo olhar, um modo fundamental de ver a realidade. Uma perspectiva de fundo, que condiciona a captação ou a ocultação de determinados aspectos da realidade. A chave que abre a porta do diálogo é nos dado pelo amor de admiração.

As qualidades do bom Pastor do Evangelho (Jo 10,1-16) devem ser uma fonte de busca permanente. A pastoral deverá olhar para os pobres e revelá-los ao mundo todo como a presença de Deus, morto e ressuscitado, de Jesus Cristo. Se assim não fosse, estaríamos estabelecendo, como quem quer que seja um falso dialogo. ...Um mesmo olhar para o Ressuscitado, que era e será para sempre o Crucificado, fixa nossa

atenção naqueles que ainda estão crucificados e enterrados sob a laje de todo tipo de opressões.

Este olhar da Igreja ou da comunidade cristã é revelador e testemunhador do nosso Deus. ...E o olhar que revela Deus, dá testemunho de vida e de amor para os não-viventes, para os diminuídos, para os condenados, para os crucificados. Presença testemunhal nas causas perdidas, nos trabalhos que todos desprezam e que não são em nada gratificantes, em começar em soluções para os menosprezados e marginalizados, que depois outros levarão adiante. Presença testemunhal em e com comportamentos frágeis, em e com ações não de conquistas, mas de serviço, não de força, mas de amor frágil, não com couraças mais despídos. A debilidade do morto na cruz é à força de Deus. É o estilo da presença viva e pastoral: dar a vida de Deus em Jesus Cristo". (falta fonte)

Tal olhar também deve passar pelas estruturas físicas, desde o portão de entrada, através das grades, até a cela da pessoa privada de sua liberdade. A estrutura que é totalmente desumana, pois nega as relações, e, simplesmente encarcera a todos, inclusive os funcionários.

8.2. Escutar

– Deus escuta o clamor do Seu povo; está atento, vigilante ao sofrimento do Seu povo. Deus é uma verdadeira sentinela, escuta o chamado de angústia do seu povo, igual a um pai que escuta atentamente o chamado do seu filho.

Só vê bem quem escuta. As pessoas privadas de sua liberdade têm necessidade, profunda, da escuta. Tem sede de escuta. A grande maioria é procedente de lares, de famílias onde o diálogo não existia. Onde a falta de tempo para escutar dominava o lar e o espaço de vida. O ambiente prisional, carente das necessidades básicas de sobrevivência e rico em violência e repressão, ao mesmo tempo, não permite a privacidade e lhe impõe a ociosidade e neutralidade. Condenado ao ócio, com as relações humanas cortadas e um futuro, a espera, sombrio. Não esta só. Os seus algozes não lhe permitem este descanso, este momento de tranquilidade.

O tempo do agente da Pastoral Carcerária, junto à pessoa privada de sua liberdade, sempre é muito limitado, pelo tempo, pelo espaço e pela quantidade de solicitações. O momento de formação cristã, de celebração nunca pode ser um espaço do agente enquanto monólogo, somente ele fala, necessita silenciar, escutar e partilhar. Escutar as necessidades, as angústias, as suas dúvidas, os seus motivos é primordial para o trabalho pastoral.

Escutar não por escutar, mas porque de fato se importa por ele e, por isso, está ali. Dar ouvidos, é de fato importar-se com a situação da pessoa privada de sua liberdade. Escutar muitas vezes é mais significativo que o falar; por vezes, o escutar fala mais, pois demonstra o quanto nos importamos com o outro, sobretudo o necessitado, o excluído, o encarcerado, mas também a sua família que praticamente encontra-se na mesma situação de prisão. O funcionário também deve ser escutado e merece a devida atenção. Isso pode ajudar a criar um clima melhor, inclusive entre eles e entre eles e a pessoa privada de sua liberdade.

8.3. Conhecer

– Deus conhece o sofrimento do Seu povo porque o conhece. Conhecer aqui não significa simplesmente saber o nome ou quem é, mas é algo mais profundo, Deus

conhece o íntimo do coração das pessoas, sabe do que necessita porque se importa com o sofrimento do Seu povo. Do mesmo modo, deve ser o agente da Pastoral Carcerária, este precisa conhecer de fato a realidade prisional do Brasil, do seu estado, mas, sobretudo a realidade do local que visita. Porém, mais ainda precisa conhecer a realidade daqueles que visita, não para saber o que fez, aliás, isso NUNCA DEVE SER QUESTIONADO, a não ser que a própria pessoa diga isso espontaneamente. Porém, deve adotar a postura de Jesus que sempre chamava ou se direcionava as pessoas pelo nome e NUNCA PELO APELIDO OU NÚMERO DA PENA.

O que precisamos conhecer é as suas angústias, as suas necessidades, a situação dos seus familiares, não porque devemos nos comprometer em ajudá-los materialmente, isso porque o primordial é ajudar tanto a pessoa privada de sua liberdade, como a sua família dos bens espirituais a que somos enviados. No entanto, a Pastoral Carcerária sempre procurou ter entre os seus membros advogados, procuradores e pessoas capazes na área jurídica, mesmo que de maneira escassa, a fim de ajudar tanto a vida processual das pessoas privadas de sua liberdade, visto que o Estado é na maioria das vezes omisso ou mantém um sistema muito precário de atendimento a estas pessoas, fazendo inclusive com que muitas pessoas que já pagaram a sua dívida com o Estado permaneçam ainda naquela situação tão degradante. Devemos ressaltar aí os multirões judiciários que correm por alguns estados, ajudando a rever a situação prisional de muitos e aonde pode ser melhorado.

Também a área jurídica da Pastoral Carcerária procura auxiliar na denúncia, acompanhamento e formação dos agentes diante das graves situações de maus tratos e torturas que as pessoas sofrem no sistema prisional. É, valioso, inclusive que aonde não há profissionais desta área que a pastoral local procure-os nas paróquias, comunidades, nas outras igrejas ou entre ONGs, associações, inclusive na OAB local parcerias para que o local em que é visitado não padeça pelo descaso do Estado.

8.4. Descer

– Deus desce até o Seu povo. E isso é muito significativo para o povo de Israel e todo o seu contexto, onde as divindades eram tidas como onipotentes e que cada qual tinha a sua morada, como o monte Olímpico, por exemplo; e que era inacessível ao ser humano, a este ficava apenas a esperança de ser atendido de alguma forma pela divindade. O Deus de Israel muda tudo. Ele desce e caminha com o seu povo. Lembremo-nos de Deus caminhando pelo Édem (Gn 3,8), visitando Abraão e Sara (Gn 18,2), lutando com Jacó (Gn 32, 23-33), mas, sobretudo, no Seu evento máximo: a Encarnação.

O evangelista João, por exemplo, vai nos falar deste Evento com uma teologia tão profunda que somos convencidos a beber “dessa água” (Jo 4,15). Assim, a sua comunidade é testemunha que não é mais o povo que precisa armar tendas para que Deus venha Se fazer presente, mas é o próprio Deus que Se encarna e arma a Sua tenda entre nós e em nosso interior: *E a Palavra se fez carne, e armou a sua Tenda entre nós, e vimos a Sua glória, como glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.*¹⁷ (Jo 1,14). E o mesmo irá nos dizer o motivo pelo qual Deus virá ao nosso encontro: *Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.* (Jo 3,16)

¹⁷ Tradução literal a partir do grego.

Mas será sobretudo, Paulo, em sua carta aos filipenses que explicitará do modo mais profundo este movimento de descida e subida de Deus para ir de encontro aos Seus e libertá-los, para isso, fale a pena que saboreamos todo o seu relato que é conhecido como hino cristológico:

Ele, subsistindo em forma de Deus,
não Se agarrou sequiosamente ao ser igual a Deus;
antes, a Si mesmo Se esvaziou,
assumindo a forma de servo,
tornando-Se em semelhança de homens;
e, reconhecido em figura humana,
a Si mesmo Se humilhou,
tornando-Se obediente até a morte, e morte de cruz.
Por isso, também Deus o exaltou sobremaneira
e lhe deu o nome sobre todo nome,
para que ante o nome de Jesus
todo joelho se dobre, nos céus, na terra e debaixo da terra,
e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor,
para glória de Deus Pai. (Fl 2, 6-11)¹⁸

Observemos a mesma dinâmica de *descer* e *subir* que Deus empreende para salvar o Seu povo. Deus mesmo *Se esvaziou, desceu* até o Seu povo. Isso significa que Deus mesmo humilhou-se para caminhar junto e elevar os pobres, como canta belamente Maria: *Minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito exulta em Deus em meu Salvador; por que olhou a humilhação de sua serva.* (Lc 1,46-48)

E esta é a mesma dinâmica de *descer* e *subir*, que o agente da Pastoral Carcerária deve ter. O *descer* significa ir até os porões do sistema carcerário, até as pessoas privadas de sua liberdade para anunciá-las a Boa Nova, a libertação dos cativos (...). Visitar a pessoa privada de sua liberdade é, primeiro, ir até ela, sem todos os preconceitos que a sociedade prega, porém, não com um sentimento de coitadinho, mas de com-paixão, como já dissemos, para ajudá-lo naquilo que é a missão própria da Igreja:

EVANGELIZAR,
a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo,
como Igreja discípula, missionária e profética,
alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia,
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,
para que todos tenham vida,
rumo ao Reino definitivo.¹⁹

8.5. Fazê-lo subir

– Deus simplesmente não desce até o seu povo. Não agrada a Deus que o povo permaneça como está. Deus quer libertá-lo, salvá-lo para uma nova condição de vida: deve sair da condição de servo-escravo do Faraó, para servo-gratuidade do Senhor. Deus salva o povo e não exige que o povo permaneça sobre um novo sistema de

¹⁸ Tradução literal a partir do grego.

¹⁹ Objetivo geral, *in*: Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015 /CNBB.

opressão, ao contrário, faz com que ele seja livre e que se abra ao Amor. Mas como é este Amor?

Israel cometeu « adultério », rompeu a Aliança; Deus deveria julgá-lo e repudiá-lo. Mas precisamente aqui se revela que Deus é Deus, e não homem: « Como te abandonarei, ó Efraim? Entregar-te-ei, ó Israel? O meu coração dá voltas dentro de mim, comove-se a minha compaixão. Não desafogarei o furor da minha cólera, não destruirei Efraim; porque sou Deus e não um homem, sou Santo no meio de ti » (Os 11, 8-9). O amor apaixonado de Deus pelo seu povo — pelo homem — é ao mesmo tempo um amor que perdoa. E é tão grande, que chega a virar Deus contra Si próprio, o seu amor contra a sua justiça. Nisto, o cristão vê já esboçar-se veladamente o mistério da Cruz: Deus ama tanto o homem que, tendo-Se feito Ele próprio homem, segue-o até a morte e, deste modo, reconcilia justiça e amor.²⁰

O ser humano não foi feito para o pecado, mas *a imagem e semelhança de Deus* (Gn 1,27), para viver o seu amor. Viver o amor de Deus significa partilhar da dignidade que é inerente ao ser humano já no momento da sua criação. Deus criou o ser humano e sua dignidade de filho já está posta. Assim, precisamos resgatar a muitos e muitas que estão pelos porões do sistema carcerário, a mercê da injustiça, a margem da dignidade. É, prioritário que ajudemos as pessoas privadas de sua liberdade a encontrar a sua dignidade e a vivê-la como todo e qualquer pessoa. E esta é a essência da mensagem cristã: *Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância.* (Jo 10,10)

Portanto, a missão do agente da Pastoral Carcerária é de *fazer subir*, de *eleva*r, de ajudar a pessoa a encontrar a sua dignidade e, principalmente, vivê-la. Para isso, é preciso denunciar as injustiças, as torturas, as formas degradantes, mas, sobretudo, focar a pessoa privada de sua liberdade para que ela seja libertada integralmente da sua situação anterior. Por isso, o encontro pessoal com ela deve ser o mais amigo e próximo possível, a fim de que ela perceba, através do testemunho do agente, a mensagem cristã de libertação e do amor incondicional de Deus para com ela.

8.6. Fazer sair

– Deus tira o Seu povo da situação anterior de opressão e escravidão. O Faraó que outrora escravizava o povo e que simboliza toda a situação de marginalização será sucumbido pela justiça de Deus.

O agente da Pastoral Carcerária deve ver que a sua missão é a de tirar a pessoa privada de sua liberdade daquela situação tão degradante. Por isso, a palavra de Deus deve penetrar o coração de cada pessoa, pois não basta tirá-la fisicamente, mas, sobretudo, espiritualmente. De modo, que ela possa encontrar a devida paz, consigo mesmo, com o outro e com Deus. Assim, ela será libertada de fato.

Fazer sair significa também procurar outras formas de inseri-la na sociedade, de modo, que ela seja uma verdadeira protagonista da sua história, mas de uma história digna, repleta de amor e confiança no Deus libertador. É assim que o próprio Jesus evangelizava, Ele fazia a pessoa sair da condição anterior, sem tratá-la como uma “coitadinha”, mas como filha de Deus que merece toda a dignidade e respeito, de modo a ter a sua dignidade de volta caso alguém a tenha tirado. Foi assim com a mulher adúltera (Jo 8,1-11), Jesus cura a pessoa e a insere-a novamente (Lc 5,12ss), entre tantos outros.

²⁰ Deus caritas est 10.

Estes seis passos é apenas o começo para uma verdadeira catequese no cárcere. Veja que eles desdobram o clássico método VER, JULGAR, AGIR, introduzido pelo documento de Medellín e reassumido pelo Documento de Aparecida²¹. Do qual, a Pastoral Carcerária não somente assume para si, mas também, incentiva-a a todos os seus agentes, a fim de evangelizarem com bastante afinco.

Mas isso é apenas o primeiro passo da evangelização no cárcere. Pois, sendo o objetivo da Pastoral Carcerária que esta evangelização seja de qualidade e, vendo ainda, que há tantos e tantas que não têm o (s) devido (s) sacramento (s) de Iniciação Cristã e que o (s) deseja espontaneamente e, por isso, muitas vezes, até cobra do agente ele (s). Vemos a necessidade de auxiliar os agentes da Pastoral Carcerária a fazer com precisão e muito zelo. Assim, indicamos alguns outros passos que o documento Catequese Renovada e o Diretório Nacional de Catequese salienta para uma boa metodologia da catequese e que convém também a realidade carcerária.

...na Catequese realiza-se uma inter-ação (= um relacionamento mútuo e eficaz) entre a experiência de vida e a formulação da fé; entre a vivência atual e o dado da Tradição. De um lado, a experiência da vida levanta perguntas; de outro, a formulação da fé é busca de explicitação das respostas a essas perguntas. De um lado, a fé propõe a mensagem de Deus e convida a uma comunhão com ele, que ultrapassa a busca e as expectativas humanas; de outro lado, a experiência humana é questionada e estimulada a abrir-se para esse horizonte mais amplo.²²

Sendo assim, precisamos levar ainda em conta algumas considerações do próprio DNC, nos números 178, 180 e 181, respectivamente que nos dão uma boa base para uma metodologia catequética:

A catequese é direito do batizado e dever sagrado imprescindível da Igreja (cf. CDC 229 e 773-780). “Todos os batizados possuem o direito de receber da Igreja um ensino e uma formação que lhes permitam chegar a ter uma verdadeira vida cristã; na perspectiva dos direitos humanos, a pessoa humana tem o direito de procurar a verdade religiosa e de a esta aderir livremente” (CT 14). É tarefa primária da Igreja responder a este direito.

A catequese conforme as idades é uma exigência essencial para a comunidade cristã. Leva em conta os aspectos tanto antropológicos e psicológicos como teológicos, para cada uma das idades. É necessário integrar as diversas etapas do caminho de fé. Essa integração possibilita uma catequese que ajude cada um a crescer na fé, à medida que vai crescendo em outras dimensões da sua maturidade humana e tendo novos questionamentos existenciais. O adulto que precisa de catequese não é só aquele que não a recebeu em outras faixas etárias. Todos precisam continuar progredindo na fé e no conhecimento do Senhor: “Sempre mais se impõe uma educação permanente da fé que acompanhe o ser humano por toda a vida e se integre em seu crescimento global” (CR 129).

Os adultos são, no sentido mais amplo, os interlocutores primeiros da mensagem cristã. Deles depende a formação de novas gerações cristãs, através do testemunho da família, no mundo social e político, no exercício da profissão e na prática de vida e da comunidade. “É na direção dos adultos que a evangelização e a catequese devem orientar seus melhores agentes. São os adultos os que assumem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias e mais favorecem ou dificultam a vida

²¹ Ver DAp 19.

²² CR 113.

comunitária, a justiça e a fraternidade. Urge que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada. Os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criarão, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e jovens, na família, na escola, nos meios de comunicação social e na própria comunidade eclesial” (CR 130).

A partir disso, podemos agora ver algumas orientações do mesmo DNC sobre a metodologia catequética para que possamos aplicá-la no cárcere. E num primeiro olhar, percebemos que ele parte da Trindade como a grande fonte propulsora do Amor, sendo, por primeira, a educadora da fé por excelência. Assim, a Trindade procura ensinar-nos através da nossa história o modo de viver este Amor e apreender o Seu mistério.

9. O modo de proceder de Deus e a pedagogia catequética

9.1. Como Deus-Pai agiu na história

A Sagrada Escritura apresenta Deus como educador da nossa fé. Ela revela diversos modos de interação entre Deus e seu povo: “Reconhece, pois, em teu coração que, como um homem corrige o seu filho, assim te corrige o Senhor teu Deus” (Dt 8,5). Apresenta-se, também, como um sábio que assume as pessoas nas condições em que elas se encontram (cf. Sl 103,3-6); liberta-as do mal e convida-as a viverem no amor a fim de crescerem progressivamente na fé, até a maturidade de Cristo (cf. Ef 4,13-15).²³

9.2. O modo de proceder de Jesus

A pedagogia catequética tem como modelo sobretudo o proceder de Jesus Cristo, que, a partir da convivência com as pessoas, deu continuidade ao processo pedagógico do Pai. Levou à plenitude, por meio de sua vida, palavras, sinais e atitudes, a Revelação divina, iniciada no Antigo Testamento. Motivou os seus discípulos a viverem de acordo com os seus ensinamentos e plantou a semente da sua comunidade, a Igreja, para transmitir, de geração em geração, a mensagem da Salvação e a pedagogia que Ele mesmo ensinou com sua vida.²⁴

9.3. A catequese inspira-se nestes traços da pedagogia de Jesus:

- O acolhimento às pessoas, preferencialmente aos pobres, pequenos, excluídos e pecadores (cf. Mt 18,12-14);
- O anúncio do Reino de Deus, como a Boa Notícia da verdade, da liberdade, do amor, da justiça, que dá sentido à vida (cf. Lc 4,17-22; 17,20-21);
- O convite amoroso para viver a fé, a esperança e a caridade por meio da conversão no seu seguimento (cf. Mc 1,15; Mt 11,28-30);
- O envio aos discípulos para semearem a Palavra em vista da transformação libertadora da sociedade (cf. Mc 6,6b-13);
- O convite para assumirem, com radicalidade evangélica, o crescimento contínuo da fé, através do mandamento novo do amor, o princípio pedagógico fundamental (cf. Mt 17,20; Lc 13,16; Jo 13,34; Lc 10,29-37);

²³ DNC 138.

²⁴ Idem 140.

- A atenção às necessidades, às situações bem concretas da vida e aos valores culturais próprios do povo, provocando reflexão para uma mudança de vida;
- A conversa simples, acessível, utilizando narrativas, comparações, parábolas e gestos, adaptando-os aos seus seguidores e demais interlocutores;
- A firmeza permanente diante das tentações, das crises, da cruz, buscando a força na oração.²⁵

9.4. A ação do Espírito Santo na educação da fé

O Espírito Santo é o princípio inspirador de toda atividade catequética. Ele é o “Mestre interior” que, no segredo da consciência e do coração, faz compreender as palavras e os gestos salvíficos de Jesus. Essa é a dimensão espiritual da catequese que, enquanto ação eclesial em favor do crescimento da fé, é obra do Espírito Santo, obra que somente Ele pode suscitar e alimentar na Igreja (cf. CT 72).²⁶

9.5. O modo de proceder da Igreja

A catequese olha também para a prática pedagógica da Igreja, que, como mãe e educadora da fé, procura imitar a pedagogia divina. Ela, desde o seu começo, quis formar comunidades que fossem exemplo vivo dos valores do Evangelho (cf. Lc 24,48). Ainda hoje, sua credibilidade depende dessa fidelidade ao projeto de Jesus. Por isso, a vida de seus mártires e santos sempre foi considerada como testemunho catequético (“pedagogia do herói”). Também sua ação no mundo transmite o que ela é e crê. Todos os fiéis cristãos são chamados a transformar o mundo segundo o Evangelho. Mas isso pertence mais, como missão própria, aos fiéis leigos, que, desenvolvendo com competência sua profissão, sua vida familiar e seu empenho político-social, são os protagonistas da fermentação evangélica do mundo a partir de seu interior.²⁷

9.6. A originalidade da pedagogia da fé

A pedagogia catequética tem uma originalidade específica, pois seu objetivo é ajudar as pessoas no caminho rumo à maturidade na fé, no amor e na esperança. A fé é um dom de Deus, é uma adesão pessoal a Ele. É a resposta livre da pessoa à iniciativa de Deus que se revela. Para isso, Deus se serve de pessoas, grupos, situações, acontecimentos. A Igreja é mediadora nesse encontro misterioso entre Deus e a pessoa humana. E, em seu nome, os catequistas sentem a responsabilidade de serem mediadores especiais para que catecúmenos e catequizandos cheguem ao conhecimento da verdade e da Salvação (cf. 1Tm 2,4; Tt 1,1). O amor por Jesus e pelas pessoas impulsiona o catequista a falar a outros da fé: cada catequista é como um elo na grande corrente dos que têm fé (cf. *Catecismo* 166); mas precisa estar entusiasmado por aquilo que crê, alegre por estar em processo de permanente conversão, disposto a fazer diferença num mundo marcado por tanta coisa contrária ao projeto de Deus.²⁸

9.7. Os objetivos inspirados na pedagogia da fé são alcançados pela catequese da seguinte forma:

²⁵ Ibidem 141.

²⁶ Ibidem 142.

²⁷ Ibidem 145.

²⁸ Ibidem 146.

- Impulsionando a pessoa a aderir livre e totalmente a Deus, promovendo uma progressiva e coerente síntese entre a plena adesão do ser humano a Deus e o conteúdo da mensagem cristã;
- Introduzindo no conhecimento vivo da Palavra de Deus contida na Bíblia e desenvolvendo as dimensões da fé, tendo como referência o *Catecismo da Igreja Católica*;
- Ajudando no discernimento vocacional das pessoas (cf. *DGC* 144) para que assumam na Igreja e na sociedade, a partir da fé, o seguimento de Jesus do modo mais condizente com suas potencialidades, aspirações, como escolha existencial, colocada sob o olhar de Deus.²⁹

9.8. A dimensão espiritual dessa pedagogia da fé exige ainda as seguintes atitudes:

- Clima de acolhimento e docilidade para o dom do Espírito, diante do qual se impõe uma atitude de humildade e obediência: embora a metodologia, as técnicas pedagógicas e a personalidade humana do catequista sejam importantes, nada substitui a ação silenciosa e discreta do Espírito Santo. Ele é o principal catequista. No exercício de seu ministério, muitas vezes o catequista deverá refugiar-se no silêncio, na discrição e, sobretudo, na oração, sabendo esperar e respeitar a ação do Espírito;
- Ambiente espiritual de oração e recolhimento: a catequese é sempre uma palavra dita “no Espírito”, em clima espiritual e de oração. Isso não significa renúncia à racionalidade nem perda do espírito crítico, mas alegria interior de uma atividade aberta ao Espírito;
- Palavra dita com autoridade e fortaleza: o catequista, como os profetas guiados pelo Espírito, pronuncia uma palavra corajosa, criativa, segura, pois tem consciência de ser enviado por Deus e sabe que sua força reside em Deus, uma vez que está agindo em comunhão com a comunidade. Diante dessa grave missão, o catequista precisa de sólida formação, humildade, senso de responsabilidade, espiritualidade e inserção na comunidade.³⁰

9.9. Fidelidade a Deus e à pessoa humana

A catequese, inspirada na pedagogia de Deus, busca incentivar a participação ativa dos catequizandos, pois eles são o sujeito do processo educativo (cf. *DGC* 145). Assim, a catequese tem a missão permanente de inculturar-se, buscando uma linguagem capaz de comunicar a Palavra de Deus e a profissão de fé (*Credo*) da Igreja, conforme a realidade de cada pessoa. De fato, um fruto importante do Espírito Santo na evangelização e na catequese é a inculturação que procura assumir as realidades humanas, iluminando-as com o Evangelho. Nisso segue o exemplo do Verbo Divino que se fez carne, assumiu a natureza humana e a cultura de um povo conforme o seu tempo (cf. *EN* 18 e 20).³¹

10. Variedade de métodos

²⁹ Ibidem 147.

³⁰ Ibidem 148.

³¹ Ibidem 149.

10.1. O princípio metodológico da interação entre fé e vida

O método da catequese é fundamentalmente o caminho do seguimento de Jesus (cf. Marcos; Mt 16,24; Lc 9,23; Jo 14,6 etc.). *Catequese Renovada* coloca como base e referência para a pedagogia da fé o “princípio metodológico da interação entre fé e vida”. Assim o descreve: “Na catequese realiza-se uma *inter-ação* (= um relacionamento mútuo e eficaz) entre a experiência de vida e a formulação da fé; entre a vivência atual e o dado da Tradição. De um lado, a experiência da vida levanta perguntas; de outro, a formulação da fé é busca e explicitação das respostas a essas perguntas. De um lado, a fé propõe a mensagem de Deus e convida a uma comunhão com Ele; de outro, a experiência humana é questionada e estimulada a abrir-se para esse horizonte mais amplo” (n. 89; cf. 92-98). Essa confrontação entre a formulação da fé e as experiências de vida possibilita uma formação cristã mais consciente, coerente e generosa. Não se trata tanto de um método, quanto de um *princípio metodológico*, que perpassa todo conteúdo da catequese. Textos e manuais dão orientações práticas de como operacionalizar o *princípio de interação entre fé e vida*, sugerindo um novo modo de organizar o processo catequético: não mais como os tradicionais *planos de aulas*, mas através de um roteiro de *atividades evangélico transformadoras*. É um itinerário educativo, que vai além da simples transmissão de conteúdos doutrinários desenvolvidos nos encontros catequéticos. Esses roteiros contemplam um processo participativo de acesso às Sagradas Escrituras, à liturgia, à doutrina da Igreja, à inserção na vida da comunidade eclesial e a experiências de intimidade com Deus (cf. CR 135-136 e 157-158; TM 125-136 e 189-195).³²

10.2. Método de trabalho em grupo

É importante trabalhar em grupo para favorecer o desenvolvimento dos valores individuais e coletivos dentro de um determinado campo social e catequético. A técnica de oficinas, aplicada à catequese, ajuda a realizar uma reflexão participativa e a promover o encontro da teoria com a prática na evangelização. É uma técnica que desenvolve um tema mediante a construção coletiva, confrontando-o com a Palavra de Deus e com a vivência comunitária. Visa à caminhada catequética e à solução de problemas; é o lugar para fazer pensar, redescobrir, reinventar novas formas de ver e de rever a prática, de conviver e agir segundo o Evangelho.³³

10.3. Atividade e criatividade de catequistas e catequizandos

Nenhuma metodologia dispensa a pessoa do catequista no processo da catequese. A alma de todo método está no carisma do catequista, na sua sólida espiritualidade, em seu transparente testemunho de vida, no seu amor aos catequizandos, na sua competência quanto ao conteúdo, ao método e à linguagem. O catequista é um mediador que facilita a comunicação entre os catequizandos e o mistério de Deus, das pessoas entre si e com a comunidade.³⁴

A vocação do catequista é a realização da sua vida batismal e crismal, na qual, mergulhado em Jesus Cristo, participa da missão profética: proclamar o Reino de Deus. Integrado na comunidade eclesial e enviado por ela, conhece a sua realidade e aspirações, sabe utilizar a pedagogia adequada, animar e coordenar com a

³² Ibidem 152.

³³ Ibidem 164.

³⁴ Ibidem 172.

participação de todos. É de substancial importância a relação do catequista com os catequizandos e suas famílias, considerando-os mais como interlocutores do que como destinatários da catequese. “Essa relação se nutre de paixão educativa, de engenhosa criatividade, de adaptação e, ao mesmo tempo, de máximo respeito pela liberdade e amadurecimento da pessoa” (DGC 156) e por seu discernimento vocacional. A participação ativa e criativa dos catequizandos é outro elemento importante no processo catequético. Tal participação pode manifestar-se individualmente e em grupos: na oração e na participação dos sacramentos; nas ações litúrgicas; no empenho eclesial e social; no exercício da caridade; na promoção dos valores humanos.³⁵

11. Iniciação Cristã

1) A Conferência de Aparecida, além de elevar a iniciação à vida cristã à categoria de urgência, lembra que ela deve acontecer não apenas uma única vez na vida de cada pessoa. A iniciação cristã não se esgota na preparação aos sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia. Ela se refere à adesão a Jesus Cristo. Esta adesão deve ser feita pela primeira vez, mas refeita, fortalecida e ratificada tantas vezes quantas o cotidiano exigir (46). Ela acontece, por exemplo, quando chegam os filhos, quando o (a) adolescente busca sua identidade, quando o jovem prepara suas escolhas futuras, no noivado e no matrimônio, nas experiências de dor e fragilidade. Nossas comunidades precisam ser comunidades diuturnamente mistagógicas, preparadas para permitir que o encontro com Jesus Cristo se faça e se refaça permanentemente. Numero 41 das diretrizes.

2) O que é Iniciação Cristã:

É o nome que se dá ao processo pelo qual uma pessoa é incorporada ao mistério de Cristo, morto e ressuscitado. Pela iniciação a pessoa de simples criatura passa a ser filha de Deus. Esta transformação radical se realiza no âmbito da fé e supõe um itinerário catequético chamado catecumenato realizado em etapas. Sabia unir fé, conhecimento, liturgia e vida. Quem passava por esta catequese fazia um grande encontro com Cristo, uma experiência profunda do amor de Deus. A Iniciação Cristã transformava a vida da pessoa, formava discípulos do evangelho que participavam das celebrações.

3) O que é Catecumenato:

O catequizando adulto não batizado que se preparava para receber os sacramentos de Iniciação Cristã: Batismo, Crisma, Eucaristia recebia a catequese de iniciação que se chamava de catecumenato. O catequizando era chamado de catecúmeno. Catecumenato é a catequese com adultos não batizados. Hoje, o catecumenato é também a catequese de adultos batizados, mas não evangelizados, não convertidos.

4) Passos da Iniciação Cristã

4.1. O encontro.

A Iniciação Cristã começa por um encontro vivo, envolvente, atraente com Jesus Cristo. A própria catequese ajudava o catequizando a encontrar-se com Jesus e encantar-se por Ele. Este encontro era uma experiência, provocava um fascínio através do qual se iniciava uma grande amizade com Jesus. O catequizando queria ser como Jesus, imitar Jesus, seguir o jeito de Jesus, ter as atitudes de Jesus.

4.2. A conversão.

O catequizando se transformava, mudava de vida, tornava-se discípulo fiel. Adquiria o desejo de ser sempre melhor e por isso deixava o Espírito Santo ir cristificando toda a sua pessoa e a sua vida. O evangelho mudava a vida do catequizando. Ele era evangelizado, convertido, transformado em nova criatura.

4.3. O discipulado.

A catequese de Iniciação Cristã criava o desejo e o gosto de ser melhor, de aprofundar-se, de crescer. As pessoas sentiam-se atraídas pela Bíblia, pela Palavra de Deus. Sua formação e sua catequese era permanente, não parava, pelo contrário, os catequizandos pediam e buscavam mais conhecimento para amar e servir melhor a Deus e aos irmãos. A condição primeira para o discipulado é o aprofundamento bíblico.

4.4. O engajamento na comunidade.

A Catequese de Iniciação cristã conduzia o catequizando a amar a Igreja, envolver-se na comunidade, participar da vida da comunidade, vibrar com sua comunidade. A presença, o testemunho de vida e os trabalhos na comunidade eram frutos da catequese de Iniciação Cristã. Na verdade os catequizandos não fugiam, não se afastavam, não viraram as costas para a comunidade. Recebiam uma consciência comunitária, uma fé comunitária, um cristianismo comunitário. Permaneciam e perseveravam na comunidade e tinham profunda vivência litúrgica.

4.5. A celebração.

A catequese de Iniciação Cristã unia catequese e celebração, catequese e liturgia. Unia fé e oração, fé e vida sacramental. Nesta catequese a pessoa aprendia e celebrava os sinais e gestos litúrgicos, os ritos e hinos, os sacramentais e a religiosidade popular. Sacramentos, sacramentais e celebração eram chamados de: mistérios. Iniciar-se ou seja, conhecer e celebrar estes mistérios, aprender estas verdades era a mistagogia = introdução aos mistérios. Nada era realizado por obrigação mas por convicção, por maturidade na fé.

4.6. A missão.

A Iniciação leva à missão, à evangelização, ao apostolado. Anunciar, pregar, divulgar para os outros até os confins da terra, as maravilhas do amor de Deus que salva a todos, era o grande resultado da Iniciação. “Não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos” (Atos 4, 20). Este zelo e consciência missionária chegava, às vezes, até ao

martírio. A catequese de Iniciação deixava no coração dos catequizando a audácia, o desassombro, a criatividade e o ímpeto missionário.

4.7. O testemunho.

O cristão iniciado testemunha sua fé onde quer que esteja. Assume compromissos e tarefas na comunidade eclesial e na sociedade civil. Luta contra todo o tipo de injustiça, combate a corrupção, promove com todo ardor a paz.

Dom Orlando Brandes
Arcebispo de Londrina

12. O direito da pessoa presa de assistência religiosa

12.1. Fundamentação pastoral

A pastoral Carcerária é uma solicitação do próprio Deus, Jesus Cristo (Mt 25,36.43.45), vivenciada pelos seus apóstolos (At 5,18-21; 16,16-40) e seguidores (At 6,8-12) ao longo da História da Igreja. Muitos foram os santos e santas da Igreja que tiveram um amor todo especial, pelas pessoas presas, como também muito deles se tornaram, como Jesus Cristo, prisioneiros.

Há inúmeros pronunciamentos e ensinamentos do Magistério, das Conferências, dos Documentos e de santos e santas da Igreja, sobre a solicitude com toda a pessoa presa. Estar com ela presa é sentir-se no sacrário com o Cristo preso, este é o testemunho de muitos cristãos. Alimentar-se da Eucaristia é alimentar-se do corpo e do sangue de um prisioneiro, Jesus Cristo. Preso, torturado, condenado a morte. Morre preso a uma cruz. E, por ironia da nossa fé, Jesus convida outro preso, Dimas, o ladrão, um preso que saiu do presídio, que abraçou e morreu na cruz com Ele; Jesus o convida para abrir as portas do Céu com Ele.

A evangelização nas prisões, muitas vezes, de fato, estiveram ausentes dos planos pastorais de documentos da Igreja, das Conferências Episcopais ou (arque) diocesanos e até paroquiais. No entanto, a Igreja, em sua história, sempre teve representantes que se manifestaram em palavras, escritos ou testemunharam com a própria vida, a exemplo do Jesus encarcerado. Os documentos da Igreja, principalmente após o Concílio Vaticano II, vêm assumindo, de forma acentuada este compromisso de evangelização junto às pessoas presas. Os exemplos passam pelos nossos papas, bispos, sacerdotes e leigos, e nos chega até os dias de hoje. Vejamos algumas das orientações da Igreja sobre o trabalho de evangelização no cárcere.

Pronunciamento e testemunhos dos Papas:

- João XXIII, na visita à Prisão Regina Coeli, em Roma: “Todos os que estamos aqui somos iguais diante do Senhor, pois o Senhor nos considera a todos seus filhos. Aqui deixo o meu coração”.³⁶
- Paulo VI, na visita à Prisão Regina Coeli, em Roma: “Amo-vos, não por sentimento romântico ou compaixão humanitária, mas amo-vos verdadeiramente porque descubro em vós sempre a imagem de Deus, a semelhança com Cristo, homem perfeito, que todavia também podeis sê-lo”.³⁷

³⁶ Cf. Evaristo Martin Nieto, *Pastoral Penitenciária. Guia Del voluntario Cristiano de prisiones*, Ediciones Paulinas, Madri, 1990, p.24

³⁷ Idem p.24

E em outra ocasião: “O clamor sofrido de tantos que vivem em condições indignas de seres humanos não pode nos deixar inativos; não pode, nem deve ficar, enquanto nos seja possível, desatendido, nem insatisfeito”

- João Paulo II, na visita à prisão de Papuda (Brasil): “A visita que vos faço, embora breve, significa muito para mim. É a visita de um pastor que quer imitar o Bom Pastor”³⁸.
- Bento XVI: “A solicitude pelos presos. A tradição espiritual da Igreja, na esteira duma concreta afirmação de Cristo (Mt 25, 36), individuou na visita aos presos uma das obras de misericórdia corporais. Aqueles que se encontram nesta situação têm particularmente necessidade de ser visitados pelo próprio Senhor no sacramento da Eucaristia; experimentar a solidariedade da comunidade eclesial, participar na Eucaristia e receber a sagrada comunhão num período da vida tão especial e doloroso pode seguramente contribuir para a qualidade do seu caminho de fé e favorecer a plena recuperação social da pessoa. Interpretando votos formulados na assembleia sinodal, peço às dioceses para providenciarem que haja, na medida do possível, um conveniente investimento de forças na atividade pastoral dedicada ao cuidado espiritual dos presos”.³⁹

Pronunciamentos de bispos

- Dom Oscar Romero, Pastor e Mártir da Nossa América – El Salvador: “Cristo nos convida a não ter medo da perseguição porque, creiam irmãos, aqueles que se comprometem com os pobres têm que seguir o mesmo destino dos pobres. E em El Salvador já sabemos o que significa o destino dos pobres: ser desaparecidos, ser torturados, ser capturados, ser cadáveres... Estas mortes, ao invés de apagar em nós o ardor da fé, entusiasmam ainda mais o vigor de nossas comunidades... Me alegro, irmãos, de que nossa Igreja seja perseguida, precisamente por sua opção preferencial pelos pobres e por tratar de encarnar-se no meio deles. ...”⁴⁰
- Dom Luciano Mendes de Almeida: “Durante cinco anos, de 1955 a 1960, exerci em Roma o atendimento religioso numa prisão. Jamais esquecerei o horror que vi. Desde então, acompanho, com tristeza, a condição lamentável em que se encontra a maioria dos presídios... Não basta a indignação... Temos que atingir suas causas... A primeira e mais urgente medida é a reforma de nosso sistema carcerário. As prisões estão superlotadas e imundas. Entre os presos, tornou-se comum a promiscuidade sexual, a formação de grupos rivais, o uso de droga, a violência... A reforma do sistema penitenciário requer não só recursos, mas clareza de princípios pedagógicos.”⁴¹
- As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE), sobretudo as duas últimas (2008 – 2010 e 2011 – 2015), destacam o trabalho de evangelização com as pessoas presas.

³⁸ Cf. Idem. p.24

³⁹ BENTO XVI. Sacramentum Caritatis 59.

⁴⁰ Ofício dos Mártires da Caminhada Latino-Americana. Elaborado pela Prelazia de São Felix do Araguaí, MT e coordenado por: Laudimiro de Jesus Borges – Mirim, Antonio Carlos Pereira da Silva – Tony Paulus. 2004.p.178-179.

⁴¹ ALMEIDA, Luciano Mendes de. *A Serviço da Vida e da Esperança*. Mensagens às Famílias Cristãs. Paulinas. São Paulo. 1997. p.119 120.

“Incrementar ainda mais a presença da pastoral junto aos presidiários, ajudando a dar às penalidades um caráter curativo e corretivo, visando à reintegração ao meio social. Colaborar no cuidado com a saúde mental e o equilíbrio humano dos presidiários e presidiárias, estabelecendo, por exemplo, atividades ocupacionais e penas alternativas”.⁴²

“Como cidadãos cristãos, cabe-nos empenhar na busca de políticas públicas que ofereçam as condições necessárias ao bem-estar de pessoas, famílias e povos. Urge que as comunidades e demais instituições católicas colaborem ou ajam em parceria com outras instituições privadas ou públicas, com os movimentos populares e outras entidades da sociedade civil, no sentido de reivindicar democraticamente a implantação e a execução de políticas públicas voltadas para a defesa e a promoção da vida e do bem comum, segundo a Doutrina Social da Igreja. Urge uma presença mais efetiva da Igreja em regiões suburbanas, especialmente nas favelas. Especial atenção precisa ser dada à pastoral carcerária, pois ela é mediação importante para a presença eficaz da Igreja junto à numerosa população reclusa em condições desumanas”.⁴³

A atenção as pessoas presas, muitas vezes e, em muitos lugares, foram e ainda são atendidas pastoralmente, através de Congregações, Ordens e Institutos Religiosos, como: Irmãs do Bom Pastor, Filhas da Caridade, Cônegas de Santo Agostinho, Mercedários, Oblatos de Maria Imaculada, Jesuítas, Dominicanos e Dominicanas, Salesianos, Carlistas, Franciscanos, Franciscanas, Agentes de Pastorais sociais, como de Comunidades Eclesiais de Base, de movimentos, e pessoas vocacionadas; nas comunidades cristãs, como: Vicentinos, Marianos, Apostolado da Oração, **Cursilhistas**, Filhas de Maria, e outros. No entanto, isso não isenta a comunidade, paróquia ou a diocese de formar ou criar os meios necessários para a formação de equipes da Pastoral Carcerária.

12.2. Fundamentação jurídica

O direito da pessoa presa em ter assistência religiosa.

Existem diversos documentos internacionais e nacionais que falam sobre o direito da pessoa presa de receber assistência religiosa, assim como, das diversas instituições religiosas de terem o devido respeito e liberdade para prestarem a sua assistência e realizarem os seus cultos, conforme a liturgia que lhes são próprias.

Um documento muito importante que foi aprovada pela ONU, recentemente e que foi realizada aqui no Brasil foi a Resolução criada a partir do *Décimo Segundo Congresso das Nações Unidas sobre Prevenção do Delito e Justiça Penal* – Salvador da Bahia, Brasil, 12-19 de abril de 2010.⁴⁴

No Brasil, com a ativa participação da Pastoral Carcerária Nacional, houve a criação de um importante documento sobre a assistência religiosa aos presos, aprovada pelo Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCCP), do qual segue na integra:

⁴² DGAE 181.

⁴³ Idem 116.

⁴⁴ Disponível na íntegra no site: <http://www.crimecongresso2010.com.br/portal/site/documentos-oficiais-1/resolucao-da-assembleia-geral>.

Resolução CNPCP sobre a assistência religiosa aos presos

DOU de 10/11/11, MJ, pág. 66.

CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICA CRIMINAL E PENITENCIÁRIA

RESOLUÇÃO Nº - 8, DE 9 DE NOVEMBRO DE 2011

13. Orientações gerais.

O que é importante destacar é que, para que haja uma efetiva assistência religiosa, será necessário garantir certas coisas:

- 1 - Direito de realizar práticas religiosas individual e coletivamente;
- 2 - Não discriminação e não proibição de qualquer prática religiosa como princípio;
- 3 - Direito à entrevista pessoal privada com um ministro religioso;
- 4 - Acesso dos ministros religiosos a toda população prisional, ou seja, é importante garantir o acesso inclusive àqueles que se encontram no “castigo”, no seguro, na enfermaria e na inclusão;
- 5 - Na medida do possível as resoluções estaduais deveriam ser precedidas de um grupo de trabalho formado por diretores de presídios e representantes religiosos;
- 6 - Deverá haver espaço apropriado para a realização de práticas religiosas; esse espaço deve ser interreligioso (e não ecumênico), evitando qualquer símbolo, arquitetura, escritos ou desenho que identifique um grupo (crença) específico;
- 7 - O ideal seria que o Estado subvencionasse a assistência religiosa, assim como faz com as demais assistências, porque este é um direito fundamental do preso e se é direito dele, a obrigação é do Estado. Não adianta o Estado abrir as portas para as entidades religiosas para prestarem assistência, pois essas carecem de meios para isso. É o mesmo que oferecer terra para alguém e não oferecer condições de plantio. A separação entre Igreja e Estado não desobriga este de criar condições para que as pessoas internadas possam ter acesso à religião. EUA, França, México, ou seja, países mais secularizados que o Brasil, garantam esse direito. Como está hoje, os grupos religiosos mais fortes, com mais recursos financeiros, acabam dominando o espaço prisional;
- 8 - Evitar o proselitismo;
- 9 - Práticas e objetos. Para a devida celebração da missa nos presídios e demais dependências carcerárias do país, é necessário que tenha o essencial para a sua realização, e sobretudo, o vinho e as partículas não podem ser impedidos de entrar;
- 10 - A assistência religiosa deve estar no mesmo patamar de outras assistências, como manda a Lei de Execução Penal. Não é correto considerá-la como algo meramente suplementar. As necessidades espirituais são tão importantes quanto as materiais;
- 11 - O conteúdo da assistência deve ser determinado pelos grupos em acordo com os presos e não pela administração prisional, como se faz na maioria das resoluções até aqui aprovadas;
- 12 - Garantia de que os problemas com os ministros religiosos serão tratados não pela própria administração, mas será reportado ao coordenador do grupo;

13 - O ingresso na unidade prisional deve ser garantido por lei, do mesmo modo a regularidade, ou no mínimo deve haver uma resolução. E qualquer suspensão deve ser fundamentada por escrito, sujeita a processo administrativo em virtude de sua eventual ilegalidade;

14 - O número de visitantes não deve ser restringido por unidade ao ponto de impossibilitar a assistência religiosa, como ocorre em alguns estados. Isso é o mesmo que inviabilizar a assistência religiosa. O número de ministros deve ser proporcional ao número de presos;

15 - Os ministros não podem ser submetidos a revista vexatória;

16 - Deve haver duplo credenciamento, um dos grupos religiosos e outro de cada ministro, o credenciamento deste dependerá não só de aprovação da administração prisional, mas também de um pedido expresso do coordenador do grupo religioso.

17 - Deveríamos falar em liberdade de consciência e não só religiosa, pois os ateus e agnósticos ou aqueles que optam por uma filosofia de vida, devem ter a mesma chance de se expressar e mesmo de criticar a religião;

18 - A assistência religiosa deve ser vista sempre como um direito fundamental da pessoa internada, porque está enquanto está presa, esta não pode por sua própria conta procurar um templo religioso.

19 - A assistência religiosa jamais deve ser vista como instrumento de disciplina ou para fins corretivos ou “ressocializadores”. Não é bom instrumentalizar a assistência religiosa na prisão.